

Telma Bessa Sales

Professora Adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú e Professora Colaboradora do Mestrado Acadêmico de História – UECE.

***Patrimônio industrial:
palavras, imagens e práticas***

Resumo

O presente artigo se refere a um diálogo possível sobre patrimônio industrial e algumas impressões desta problemática no Brasil e em Portugal. Ressalta uma discussão teórica desenvolvida no Brasil sobre o tema patrimônio industrial e as iniciativas de preservação de espaços fabris. Importante considerar que este artigo busca refletir sobre experiências, junto ao CIDEHUS Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, na linha Patrimônio e diversidade cultural, na Universidade de Évora e a supervisão da profa. Dra. Ana Cardoso de Matos e apoio da Capes.

Palavras-Chave: patrimônio industrial, museus, preservação, trabalhadores, memórias.

Abstract

This article refers to a possible dialogue on industrial heritage and some impressions of this problem in Brazil and Portugal. Highlights a theoretical discussion developed in Brazil on the subject of industrial heritage and the preservation of industrial spaces initiatives. Important to consider that this article seeks to reflect on experiences with the CIDEHUS Interdisciplinary Centre for History, Cultures and Societies, in line heritage and cultural diversity, the University of Évora and the supervision of Prof. Dra. Ana Cardoso de Matos and support of Capes.

Keywords industrial heritage, museums, preservation, workers, memories.

Se ouvirmos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas (PORTELLI: 1997, 22)

A ideia central para a elaboração deste artigo se refere a experiência da realização de uma pesquisa no ano de 2015, a partir de estágio na Universidade de Évora (pós-doutoramento), em diálogo com estudiosos no Brasil e em Portugal. Estes possuem uma longa caminhada nos estudos sobre os mundos do trabalho e se dedicam ao tema patrimônio industrial, dentro e fora dos muros acadêmicos.

Uma das riquezas em realizar intercâmbios e participar de eventos nacionais ou internacionais é, ampliar a visão sobre as culturas, as experiências acadêmicas, conhecer estudiosos valorosos e gente que se dedica a pesquisas com temáticas afins. Isso ocorreu durante todo o ano em que participei de variadas iniciativas a respeito do patrimônio industrial, dentro e fora da universidade, além das fronteiras de Lisboa.

É pertinente hoje uma reflexão sobre as concepções da categoria *patrimônio industrial*. De que formas são abordadas as discussões sobre patrimônio industrial e quem são seus expoentes, quais os estudiosos portugueses e brasileiros que se dedicam a esta temática e em quais projetos patrimoniais estão envolvidos.

O estágio pós doutoral em Évora contribuiu enormemente para a ampliação da compreensão do que seja patrimônio industrial, categoria pouco aprofundada no Brasil, no Nordeste também e, mesmo que já tenhamos uma reflexão sobre o mundo do trabalho, por exemplo, ainda é incipiente estes estudos na universidade em que leciono.

Dentro da Universidade de Évora e no CIDEHUS vivi uma experiência que criou condições para o diálogo interdisciplinar, para a troca de informações e para a integração dos investigadores que a compõem. A temática do patrimônio industrial está vinculada na Linha 2 (Patrimônio e Diversidade Cultural) do CIDEHUS – que procura desenvolver a reflexão teórica – através da interdisciplinaridade, abordagem comparada e história aplicada – sobre o Patrimônio Cultural. Também contribui para preservar, difundir e potencializar os valores patrimoniais demonstrativos da diversidade cultural do Sul que, mais do que um espaço geográfico, é um espaço simbólico. Produzir conhecimento, potenciar projetos, promover a cooperação, contribuir para a disseminação de resultados, transferir conhecimento são alguns dos objetivos do CIDEHUS.

Neste aspecto, a estadia em Portugal abriu um campo de possibilidades concretas de

convivência e realização de entrevistas com estudiosos do tema do patrimônio industrial, em diversas universidades como: o Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, (UNINOVA), Universidade do Minho (UNIMINHO), Universidade Autónoma de Lisboa (UNIAL), Universidade de Évora. Também entrevistei profissionais da Biblioteca Nacional de Lisboa e do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Vale destacar que este artigo faz parte do Relatório enviado à Capes, apoiadora do estágio e elaborações junto a Ana Cardoso de Matos, supervisora do referido estágio.

No Brasil, em certa medida, como em Portugal, esta discussão vem sendo realizada por alguns estudiosos, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Fundação Getúlio Vargas (CPDOC- FGV-RJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Universidade Federal do RS (UNIPelotas – Maria Leticia Z. Ferreira). Como constatamos diversos professores fazem esta reflexão nas salas de aula e fora delas e nesta perspectiva as entrevistas realizadas em Portugal e no Brasil, significam mais uma ponte na busca de diálogo entre estes dois países com profissionais que atuam nesta área de patrimônio Industrial.

Narrativas

Como se pode ver na epígrafe no início do texto, na prática do ouvir e falar numa entrevista, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas. Uma experiência prazerosa e transformadora. Cada entrevistado revelando suas trajetórias, emoções e análises.

As entrevistas realizadas durante o estágio pós-doutoral em Portugal (seis meses) e no Brasil, no ano de 2015, revelam dedicação e compromisso de intelectuais com o estudo do patrimônio cultural. Especialmente a problemática das transformações na arquitetura industrial, focando na análise de antigos espaços fabris revelando o contexto e realidade dos cenários diversificados de cada lugar.

Importa considerar que a história oral “tem o grande mérito de permitir que fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (ALBERTI 2004, p. 9). Esta autora parte da perspectiva de que isso ocorre, por exemplo, no presenciar do aflorar das sensibilidades do narrador, evidenciado no sentimento de alegria, de emoção, de pesar ao trazer as suas experiências do passado.

Nesta perspectiva, num trabalho com História oral, há envolvimento pessoal, há vozes que contam, sentem, expressam poesia, emoções, verdades, imaginações. A fala é diferente da escrita, são falas misturadas, rápidas ou lentas, volume alto ou baixo, enfim, são narrativas parciais,

variáveis. Bem diferente da linguagem escrita que é regular, pontuada que segue regras gramaticais.

As narrativas podem ser compreendidas como um ato que desperta emoções. Expressam a subjetividade latente ou os sentimentos que fazem rir, chorar, recordar, sonhar. Ao mesmo tempo uma lembrança pode revelar uma interpretação da realidade, uma referência do real, com ludicidade ou não, porém, busca representar a realidade e cria a ilusão de que é possível apreender o tempo e espaço.

Nesse sentido, decidi reproduzir algumas dessas histórias que revelam as emoções, os medos, alegrias que viveram os estudiosos para realizar sua atividade profissional. Acredito que é muito importante as histórias contadas pelos seus protagonistas. Por isso, a reprodução foi transcrita tal como os narradores falaram, mesmo que seus gestos, emoções, lágrimas e risos não possam ser transmitidos no texto. Quem são estes narradores da pesquisa que trilharam caminhos por vezes parecidos, por vezes bem distintos, até se envolverem nas ações desenvolvidas em torno do assunto profissional no contexto do patrimônio industrial.

Foram muitas dificuldades, percursos com euforias, decepções, sempre ‘de olho’ no cumprimento dos prazos, enfim, a organização do estágio buscou dialogar e envolver os professores, para que o fruto e desdobramentos do estágio, seja uma ferramenta dinâmica utilizada no cotidiano profissional dentro e fora da universidade, por meio de textos plurais e abrangentes, quiçá pudesse ter documentários, filmes, revistas com esta temática. Vamos aguardar a publicação bilíngue das falas destes profissionais, embora traga em destaque neste artigo algumas reflexões oriundas do diálogo realizado com os estudiosos acima citados.

Eis abaixo fragmentos de narrativas da Profa. Graça Filipe e Profa. Beatriz Kuhl. Para conhecimento de todos, a fala da Profa. Graça Filipe assinalando que Portugal possui uma longa tradição na discussão e prática de preservação, em especial na criação de museus referentes ao Patrimônio Industrial. Para a Profa. Dra. Graça Filipe Coordenadora da Levada de Tomar,¹ o conceito de Patrimônio Industrial é abrangente, como afirma em entrevista realizada por mim, em dois de junho, durante o estágio pós doutoral:

Telma Bessa: ... E o que vem a ser Patrimônio Industrial...

Graça Filipe: O patrimônio industrial, por tudo o que sabemos e o que

A Levada de Tomar é um projeto da Prefeitura Municipal de Tomar, Portugal. Trata da recuperação dos antigos «Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila» e da Moagem austro-húngara. Cf. Musealização da Levada de Tomar: subsídios para a conservação do património industrial da moagem A Portuguesa Cláudia Sofia Petulante Duarte. Cf. site www.associaçãoportuguesa.de.arqueologia.industrial.WIX.com/apai#!levada-tomar.jpg/.

as convenções dizem, patrimônio industrial não são só as máquinas, os edifícios, a arquitetura, não são só os arquivos, mas enfim, é tudo isso... Perceber a sociedade contemporânea, a exploração, problemas ambientais, situações de crise, o valor social do trabalho, e que os museus ligados à técnica, a indústria, considerem estes aspectos e estejam ligados a uma dinâmica social.

Esta experiência da relação dos museus com os contextos sociais é uma realidade para esta profissional. Ela desenvolve um trabalho na cidade de Tomar, relacionado com patrimônio técnico industrial e reabilitação urbana. Ela mesma afirma: *estou de novo, enfim, com as mãos na massa, tentando inventar algo de diferente, com suas fragilidades no sentido de ter mais riscos também, por ser mais dinâmico e social.*

Para esta professora, trabalhar em projetos interativos é mais estimulante, ensaiando neste contexto da ação patrimonial e dinâmicas territoriais.

Neste processo de valorização/musealização do patrimônio industrial a Nova Museologia, movimento nascido entre os anos de 1971 e 1974, sob a orientação de Marcel Évard com o apoio de Hugues de Varine e de George Henri Riviére, introduziu conceitos e práticas que se tornaram uma referência, e contribuiu para a visão renovada que se passou a ter, não só na forma de musealizar o Patrimônio Industrial, mas, também, no papel que estes museus assumem nas comunidades em que se inserem.

Faço um destaque também para a fala da profa. Beatriz Magaya Kuhl que acompanha esta discussão em nível mundial e afirma que vários países têm estas discussões de forma sistemática e se organizam com filiação ao TICCIH (The International Committee for Conservation of Industrial Heritage) e comungam das mesmas idéias e seguem princípios comuns de preservação do Patrimônio. Há que se considerar que, no Brasil, esta discussão é uma demanda para além do centro sul do país, e há necessidade de uma articulação mais profunda com as instituições de ensino superior ou entidades da sociedade civil que se preocupam e que têm ligação com esta temática.

Há várias pesquisas no Nordeste e Norte brasileiro que são desenvolvidas e que ainda não há amplo conhecimento dentro da comunidade acadêmica. Interessa neste sentido, perceber quão incipiente é este debate no nosso meio.

Ao indagar sobre patrimônio industrial, assim nos afirma Kuhl:

Eu costumo sempre partir de uma visão mais alargada do que seria o patrimônio industrial... engloba não apenas a unidade de produção, os produtos e a comercialização e a forma como esses produtos foram feitos. Então patrimônio industrial é entendida de maneira bastante abrangente ligado a um processo de

industrialização. Acho importante sensibilizar o olhar dos estudantes a respeito da estrutura complexa que é, um organismo muito complexo que é, uma cidade como São Paulo, a industrialização, que teve um papel muito importante. Enxergar a estruturação dessa cidade como se transformou ao longo do tempo e o papel de tudo aquilo que é relacionado a indústria nesse contexto

Considerando as reflexões sobre o patrimônio que vêm sendo desenvolvidas no Brasil, reafirmamos ainda o que Beatriz Magaya Kühl, assinala:

Ainda inexistente uma discussão teórica aprofundada voltada à realidade brasileira e uma carta de princípios nacional, que deveria inquirir e integrar os preceitos da carta de Veneza, não foi elaborada. O intuito seria torná-la adequada e atual em nosso meio, pois se verifica uma ampliação crescente e legítima daquilo que é considerado bem de interesse cultural. (KÜHL – Portal IPHAN, 2009)

Os espaços recriados

Além de entrevistas a prática da pesquisa possibilitou conhecer algumas experiências de patrimônio industrial na cidade de Setúbal, Lisboa. Visitei diversos museus relacionados ao mundo do trabalho. Ao lado de Janaína Bueno (doutoranda, pesquisa sobre os museus do trabalho na Universidade Nova de Lisboa), conheci o único Museu do Trabalho português (assim denominado) localizado numa antiga fábrica de conservas de peixe, e assim iniciei visitas neste espaço. Me causou surpresa e interesse pelo fato de apresentar uma proposta diferente do ponto de vista da metodologia e organização dos espaços interiores e ainda, promove diversas atividades.



Maquete do espaço fabril. Foto Telma Bessa

Para além da visita ao Museu aos seus espaços e espólio, este organiza para o grande público Tardes Inter culturais, com música, dança, gastronomia, entre outras iniciativas, a decorrer nos últimos sábados de cada mês. As Visitas Guiadas são também possíveis, permitindo uma abordagem diferente aos vários espaços do Museu, com introdução de diferentes temas. Me refiro ao *Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal*: esta experiência é uma das mais conhecidas e visitadas de Portugal. O museu dedica-se predominantemente ao património industrial e ofícios urbanos ligados ao comércio, serviços e às antigas fábricas de conserva e litografias sediadas no concelho de Setúbal, possuindo ainda uma coleção de alfaia agrícola (Michel Giacometti) e de ofícios tradicionais. É um museu municipal, criado em Setúbal em 1987. Sediado numa antiga fábrica de conservas de peixe que foi adaptada a museu em 1995. O edifício é constituído por cinco andares e está integrado num antigo bairro de pescadores, salineiros e operárias conserveiras que trabalhavam na ex-fábrica Perienes.

Conhecido por todos por contemplar uma pesquisa etnográfica realizada nos anos de 1980 pelo músico Michel Giacometti, revela um cuidadoso trabalho de recolha de objetos, canções e relatos das vivências de portugueses em diversas aldeias dentro do país, num total de seiscentas freguesias portuguesas.

Este músico estabeleceu-se em terras portuguesas, no Alentejo, no ano de 1959, tendo nascido em Córsega no ano de 1929. Sua formação é considerada sólida pois concluiu e foi licenciado em letras e Etnografia na Sorbone, França. Desenvolveu atividades diversas, fez programa de rádio “Povo que canta” pois possuía uma coleção de arquivos sonoros, músicas. Constituiu uma coleção de instrumentos musicais e escreveu e editou “Cancioneiro popular português” para o Círculo de leitores.

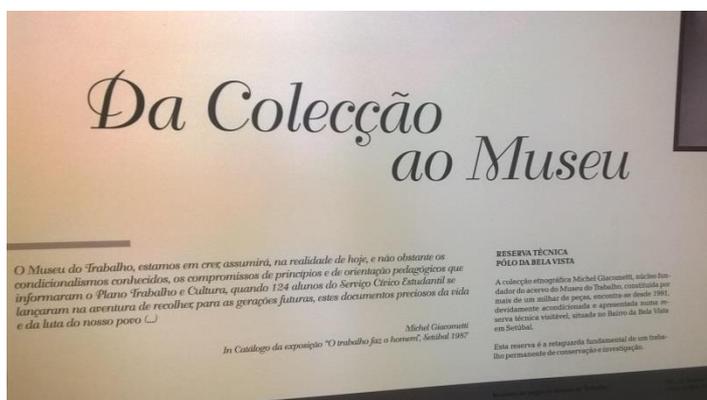
Além do processo de musealização que contou com tombamento (classificação), preservação e projeto museológico, o que se destaca, a meu ver, neste espaço é exatamente a metodologia que o compôs. Há orientações pedagógicas, Plano de Trabalho e Cultura, e o aproveitamento da pesquisa etnográfica feita pelo músico Giacometti. Esta pesquisa envolveu cento e vinte quatro alunos do Serviço Cívico Estudantil que visitaram aldeias portuguesas e recolheram documentos, narrativas e objetos dos agricultores, uma maneira de, no processo revolucionário do 25 de abril, conhecer e registrar os modos de vida e lutas do povo.²

Este museu, criado e mantido pela Prefeitura de Setúbal, conta hoje com mais de mil peças recolhidas, organizadas numa reserva técnica visitável, expressando que este valoroso

² Cf. [Estudantes e povo na revolução: o serviço cívico estudantil \(1947-1977\)](#). A autora, Profa. Luísa Tiago de Oliveira realizou pesquisa de campo com jovens nas aldeias durante o 25 de abril, utilizando a metodologia de história oral.

trabalho envolveu os estudantes e as comunidades das aldeias, numa integração de diálogo e aprendizagem. O fruto da investigação exige um trabalho permanente de conservação. Há descrição da arquitetura do museu e outras informações no Jornal “Publico magazine” de 05.08.1990.

A metodologia de trabalho busca explicitar a realidade e contexto do entorno e da dinâmica das funções dentro da própria fábrica. Ou seja, há, dentro do espaço da antiga fábrica, exposições divididas em temas, locais com painéis, réplicas de máquinas e trabalhadores. Como exemplo, há painéis, objetos de uso cotidiano para se conhecer os modos de vida de agricultores, suas máquinas de cultivar a terra, a máquina de fiar, os teares utilizados pelas mulheres dentro de casa, além de textos claros abordando a temática do espaço. Há ainda, painéis que explicitam a própria organicidade do Museu, como é divulgado o mundo fabril com uma interação com o visitante: espaço do trato do peixe, da sardinha, local de tirar da salmora, de tirar as cabeças das sardinhas, de encaixar e enlatar.



Metodologia do Museu

| OPERAÇÃO | AGENTES (IDADE E GÊNERO) | CATEGORIA INSTITUCIONAL | ATITUDE CORPORAL GESTUALIDADE |
|---|-----------------------------|--|--|
| Descabeçar (retirar cabeça e vísceras). | Operárias. | "Trabalhos de mesa** manipuladora de peixe. | Trabalho manual auxílio de pe faca, executar com agilid |

*Termo indígena **Segundo o sindicato corporativo

Painel de tarefas das operárias.



Cravadeira

Enfim, é um trabalho minucioso que consta ainda, da réplica de uma Merceria, doação de um empresário, com os objetos relativos à uma venda onde estão presentes as botijas, recipientes, cestas de pães, balanças para pesar o queijo, instrumentos para medir o azeite, tudo comprado pela comunidade, em pequena quantidade.

No Brasil há algumas iniciativas bem interessantes como o *Centro Municipal de Educação Adamastor* – localizado em Guarulhos, São Paulo, representa uma experiência que desenvolveu e assumiu a mudança de uma fábrica têxtil (Adamastor) para centro de cultura. Esta fábrica se tornou famosa por sua linha fina e de qualidade, na década de 1940 e no ano de 2001 mudou para um centro cultural.

Esta tecelagem foi importante no desenvolvimento da cidade de Guarulhos, instalou-se em 1946 e, funcionou no mesmo local até 1980. Faz parte da história da industrialização paulista com o ‘boom’ industrial brasileiro. Após a falência, o abandono e o vandalismo, e deteriorada, os galpões foram ocupados por moradores de rua, consumidores de droga e, passou a ser espaço identificado com violência e sujeira.

Com a preocupação da preservação patrimonial, a Prefeitura Municipal aprova o projeto de Tombamento (classificação), no ano de 2001, declara o terreno de utilidade pública, para desapropriação e execução do projeto de reconversão pelo Decreto n. 21. 226 de 11.04.2001, inicia a reforma do edifício e inaugurando-o torna-o um espaço público com teatro, auditório, salas de formação, ou seja, o Centro de Municipal de Educação Adamastor.

Eis características da obra arquitetônica, retiradas de um informativo da Prefeitura de Guarulhos:

A obra da prefeitura não descaracteriza a imagem histórica e afetiva guardada entre os habitantes da cidade. Apropria-se de um ícone das edificações industriais da época que é a chaminé de 50 metros de altura, que, visível a distância, constitui símbolo do conjunto. Com quase 8 mil metros quadrados de construção, o centro educacional e cultural é formado, além do pavilhão industrial, por um edifício novo destinado à administração e a secretarias. O pavilhão, cuja face externa é marcada por colunas em tijolo aparente, tem sua parte central e a chaminé tombadas pelo município. É constituído por três longas águas com duas cabeceiras, que, assim como a chaminé, foram recuperadas.³

Na cidade de Guarulhos Esta ação de valorização do patrimônio Cultural da cidade, ocorreu na primeira gestão do governo do Partido dos Trabalhadores, entre os anos de 2001 e 2004, nas palavras de Heloísa de Faria Cruz, Secretária Adjunta de Educação da cidade de Guarulhos:

A restauração da antiga fábrica de casimira Adamastor e sua transformação num equipamento cultural para a cidade, ganhou uma grande força simbólica e hoje se constitui num dos principais marcos históricos de identidade urbana para a população de Guarulhos.

Para complementar as informações sobre este espaço, vale conhecer a descrição da obra, presente no site da Prefeitura de Guarulhos: 'Internamente, a construção recebeu três auditórios para seminários numa das laterais e quatro salas menores para cursos, na outra – em mezanino acima destas fica a biblioteca, aberta ao público. Entre as duas alas situa-se o pátio de convivência, elemento articulador de todo o conjunto. A partir da saída do teatro, a chaminé é visualizada, em toda a sua extensão, graças a uma faixa envidraçada na cobertura do pátio de convivência. O espaço livre em volta da chaminé busca acentuar sua ligação com o centro.'

Há ainda uma *Sala de Memória* que, com exposição permanente, retrata algumas imagens dos antigos trabalhadores em seus espaços de trabalho, bem como no lazer, e apresenta um curta metragem que contém depoimentos recolhidos de pessoas diversas, especialmente antigos trabalhadores, a respeito da história da fábrica, da importância desta nas suas vidas e a opinião destes sobre a mudança de espaço fabril para um espaço público voltado para a cultura. Promove

³ Sobre projeto arquitetônico de Ruy Ohtake: Projeto design. Cf arcoweb.com.br/arquitetura/ruy-ohtake-centro-cultural-03-05-2004.html. Acesso em 26.06.2014

uma exposição que foi elaborada a partir de narrativas de trabalhadores, como viviam o cotidiano da fábrica, relação com chefes e amizades no local de trabalho. Tais dimensões estavam presentes nas experiências destes, situado no momento de crescimento do setor industrial, em especial, no Estado de São Paulo e na cidade de Guarulhos. A exposição permanente sobre a fábrica e os trabalhadores convive com as muitas atividades educacionais e culturais desenvolvidas no Centro. Destaque-se que o Centro, com a estrutura da fábrica e sua chaminé transformou-se para a população num marco de memória da cidade.⁴

É necessário buscar compreender o processo histórico de alteração dos espaços fabris. Alguns pontos básicos são importantes como o próprio processo de deliberação do espaço, a recuperação, o tombamento, a restauração das referidas fábricas e a reconversão em museus ou centros culturais.



fábrica Adamastor



Interior da fábrica

⁴ Fruto do meu envolvimento com o tema do mundo do trabalho, participei indiretamente do roteiro do documentário: “Memórias de trabalhadores” promovido pela Prefeitura Municipal de Educação, 2001. Ver fotos anexas de atividades realizadas.

No caso de Guarulhos houve uma equipe multidisciplinar para a condução deste processo (arquiteta, sociólogo, advogado, historiadora, pedagoga), houve a participação da comunidade a esse respeito e os profissionais que trabalharam na transição de uma fábrica para equipamento cultural; e por meio de reuniões, seminários, os profissionais envolvidos iam executando e decidiam o trato com a arquitetura, o uso de cada parte da fábrica, e, além disso, o que seria possível preservar ou não.

Vale ressaltar que a proposta de revitalização deste espaço foi elaborada por dirigentes da Prefeitura Municipal de Guarulhos. É bom lembrar que a equipe multidisciplinar desta ação considerava no trabalho, os objetivos que foram pensados para a criação dos museus ou centros culturais em cada lugar. Durante a transição de espaço de antiga fábrica para centro de cultura, foram envolvidos todos os órgãos municipais como exemplo a Secretaria de Educação, de Cultura, Finanças.⁵

Neste processo, os antigos trabalhadores também foram contatados e acompanharam as mudanças, visitaram os espaços internos da fábrica em obras, explicitando as funções que tinham. Estes trabalhadores também deixaram suas impressões sobre as transformações do espaço fabril, onde outrora viveram seus dias de labuta dentro do sistema de produção de fios de algodão e confecção.

Eis fragmentos das narrativas de alguns antigos trabalhadores que participaram da elaboração do documentário feito para a inauguração do espaço do Centro de educação. Eis narrativas do Sr. Oscar Giorgetti e Erotides Lacerda, respectivamente:

Sr. Oscar Giorgetti: Porque entrávamos mocinhos, 12 anos, e ficávamos mais ou menos 30 anos, todos os dias, com as mesmas pessoas, se vendo, e era um tempo diferente, uma vida mais calma, hoje você trabalha, não sabe a vida de ninguém, não dá nem pra conhecer a pessoa bem. Mas foi muito bom, a gente tem contato até hoje.

Sra. Erotides Lacerda: o que mais me chamava atenção era a chaminé que era muito bonita, e o apito que na hora do almoço, de manhã, fazia aquele barulho, tipo uma sirene, avisando da entrada dos funcionários do horário. No horário do almoço também tinha a sirene que avisava do horário de saída e da volta e a tarde também. Aliás aquilo era um relógio até pra cidade, quando tocava o apito, as pessoas até distante, diziam: olha, é tal hora a sirene da Adamastor já apitou... Hoje com essa construção vai continuar produzindo, não mais tecidos, mas conhecimento.⁶

⁵ Franco Mancuso elaborou algumas considerações com sugestões do que precisa ser feito de *boas práticas para a ação de profissionais* na reestruturação de bens do patrimônio Industrial. MANCUSO, F. Progetto e 'buono pratiche', In: RONCHETTA, C; TRISCIUGLIO, M. *Progettare per il patrimonio industriale*. Torino: Celid, 2008. p.154-159.

⁶ Entrevistas realizadas por mim, no espaço da antiga fábrica Adamastor, na cidade de Guarulhos, em 2003.

Dentro de um contexto brasileiro de poucas intervenções patrimoniais, Campagnol (2011) vem desenvolvendo reflexões importantes e informa que há no Brasil iniciativas tímidas e incipientes, percebe-se iniciativas de políticas públicas – escassas - no campo da cultura e ações nos âmbitos federal estadual e municipal ou mesmo constatamos, de forma simultânea, que há uma ausência de projetos para a utilização de espaços industriais desativados.

Esta constatação é atual, embora, ao ver as experiências portuguesas, percebemos que estas também têm debilidades e problemas, há demandas de profissionais, e poucos recursos (as narrativas dos profissionais da área destacam o descaso governamental, mesmo sendo 2015 o ano da comunidade europeia dedicado ao patrimônio) e quase nenhum investimento do poder público nessa área e percebemos que as iniciativas para valorização e preservação se concentram no centro-sul do país. Há iniciativas de ação no campo do patrimônio industrial em vários lugares do nosso país.

No decorrer do tempo várias mudanças foram ocorrendo no tocante à prática e concepção do trabalho com conservação e preservação do patrimônio cultural. Importa salientar aqui que as mudanças e avanços das discussões sobre o patrimônio industrial, vêm na esteira dos avanços das reflexões sobre o patrimônio cultural de forma mais ampla.

Colocando em foco neste artigo as experiências de Guarulhos e Setúbal, gostaria de dialogar com as experiências diversificadas dos protagonistas que viveram estes processos. Embora exista um grande material de imagens, reportagens, documentos das referidas instituições, o caminho privilegiado utilizado foram as fontes orais. No caminho das análises das narrativas de estudiosos é que o estudo se desenvolveu. No trabalho com fontes orais, destacando mais as significações do que os eventos como assinala Portelli, problematizamos as diferentes concepções de patrimônio industrial, colocando as percepções atribuídas às experiências plurais de patrimônio industrial.

De um lado, estudiosos brasileiros, e de outro, pesquisadores portugueses. Como vimos anteriormente, os processos ricos e diferenciados de suas narrativas vêm corroborar com a importância desta metodologia de pesquisa. A memória do início de ‘carreira’ destes profissionais de uma conjuntura de expansão, de investimento governamental para este setor na Europa, de um ‘boom’ do aproveitamento e valorização dos espaços patrimoniais, contrasta com um momento atual de um certo ‘encolhimento’, em certa medida, uma ‘crise’ que diminui os investimentos, reduz o número de profissionais da área, elimina uma política de preservação do patrimônio industrial.

Vale perceber diferenças de percepção, interpretação dos processos de valorização dos espaços fabris no Brasil e Portugal. O patrimônio industrial está na pauta e faz parte dos estudos europeus desde o século XIX. Nos países como Inglaterra, França, Espanha e Alemanha, que

enfrentaram o pós-Segunda Guerra Mundial e os desafios de reconstrução da vida, este assunto está presente, desde a segunda metade do século XX.

Especialmente na Inglaterra, que foi o primeiro país a ter uma preocupação com os espaços ou instalações industriais.

Não por acaso a Inglaterra é fundadora desta reflexão, já que este país é o berço da industrialização, e os vestígios do início da indústria, corriam riscos de desaparecimento, frente às transformações sociais na segunda metade do século XX.

Portugal acompanha este movimento, como demonstram as diversas iniciativas tomadas em relação ao Patrimônio Industrial. A expressão “arqueologia industrial” foi utilizada em Portugal ainda no século XIX – num estudo de Francisco de Souza Viterbo, de 1896, sobre moinhos – apesar de a expressão ser consagrada principalmente através dos debates britânicos a partir de meados do século XX⁷.

Este termo “arqueologia industrial” não é consensual entre os estudiosos e os que atuam na restauração e conservação de monumentos. Há, entretanto, um entendimento da complexidade e sentido mais amplo do conceito. Há um documento que adota este termo de maneira renovada e específica e assume-a enquanto método. Eis o que revela a Carta de Nizhny Tagil:

A arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou pelos processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.⁸

Além dos conceitos, as discussões e práticas profissionais no campo do Patrimônio, tanto do ponto de vista da reflexão teórica como na dimensão da Museologia nacional, estão cada vez mais intensas em terras portuguesas:⁹

⁷ POZZER, 2007, 29-218

⁸ Esta Carta sobre o Patrimônio Industrial foi aprovada pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, de carácter trienal, que se realizou em Nizhny Tagil em 17 de Julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao ICOMOS para ratificação e eventual aprovação definitiva pela UNESCO. A Carta do Patrimônio Industrial deverá incluir as importantes Cartas anteriores, como a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Burra (1994), assim como a Recomendação R (90) 20 do Conselho da Europa.

⁹ Estas reflexões foram debatidas durante o estágio (o texto sistematizado por Ana Cardoso) e para melhor compreensão há artigos de diversos estudiosos como José Amado Mendes, José Lopes Cordeiro, Jorge Custódio, Maria da Luz Sampaio, Graça Felipe, Ana Cardoso de Matos, precursores dos cursos de Arqueologia industrial, e mestrado na área, bem como em toda discussão do processo de industrialização e patrimônio em Portugal. Há ainda jovens pesquisadores como: Janaína Bueno, Armando Quintas, Mariana Silva, Renata Faria Barbosa, e outros que continuam as pesquisas sobre esse tema. Com os antigos e jovens profissionais, estabeleci relação direta e obtive registro oral de suas práticas profissionais e experiências académicas.

Em Portugal existem vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque para a museologia. Em numerosos casos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história. (MENDES, Revista *Ubimuseum*, n. 01 2012,p.03)

Ainda hoje há um desejo em Portugal, da constituição de um Museu da Indústria, que preserve, estude e divulgue o património industrial e tecnológico do país. Estas preocupações em preservar as antigas máquinas e objetos, o conhecimento associado aos processos de fabrico e o valor das artes e ofícios, estavam já presentes na criação dos antecessores deste tipo de museu, que remontam ao século XVIII com a criação, em 1794, do Conservatoire National des Artes et Métiers, mais tarde transformado em Musée des Arts et Metiers de Paris (PARIS, 1987, p. 47-48).

As primeiras iniciativas para criar um museu da indústria em Portugal datam de 1807, momento em que o Estado encarregou a Câmara do Comércio de criar “uma coleção de livros, planos, modelos ou desenhos de máquinas e de outros objetos úteis para promover e animar os diversos ramos da indústria nacional”¹⁰, semelhante ao que havia sido criado em França, no ano de 1794. No entanto, a conjuntura política de então impediu a criação dessa coleção¹¹ e, em 1819, continuava-se a referir a necessidade de se criar este museu. Onze anos depois, Alexandre António Vandelli¹², membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, retomou o assunto, reforçando a necessidade de se constituir um tal museu, que considerava essencial para o progresso da indústria portuguesa.

A partir da década de 1980, fruto do reconhecimento da importância do Património Industrial em Portugal, foram fundadas as primeiras associações que tiveram um papel importante, na defesa e no estudo deste património.

Destaca-se o papel da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, fundada em 1980 e que mais tarde deu origem à APAI - Associação Portuguesa de Arqueologia industrial¹³, e da APOREM – Associação Portuguesa de Empresas com Museus, fundada em

¹⁰ Decreto de 24 Junho de 1807 (PEDREIRA, 1994, p. 246).

¹¹ Portugal foi invadido pelas tropas de Napoleão I em 1808 e a família real foi obrigada a deslocar-se para o Brasil.

¹² Alexandre António Vandelli, naturalista Luso-Brasileiro (1784-1862).

¹³ Sobre a actividade da APAI veja-se: Matos, Ribeiro e Santos (2003, p. 23-32). Para além desta foram criadas outras associações como a APPI-Associação Portuguesa para o Património Industrial.

1992 com o objetivo de preservar o patrimônio e a memória passada das empresas e apresentá-las em espaços museológicos abertos à comunidade. Estas associações tiveram uma importante ação na divulgação do Patrimônio Industrial e Empresarial e na sensibilização das empresas e das Câmaras Municipais para a necessidade de preservar este tipo de patrimônio, impulsionando, conseqüentemente, a criação de novos museus ou núcleos museológicos.

O rápido desaparecimento dos vestígios materiais do desenvolvimento econômico verificado ao longo de século e meio levaram diversos autores a eleger “o chamado patrimônio industrial como um ‘novo território’, chamando a atenção para o seu potencial, inclusive em termos da sua reutilização para novas funções, dando-lhes uma ‘segunda vida’, entre as quais as de carácter museológico” (MENDES, 2012, p. 2).

Nos estudos sobre o patrimônio industrial, desde cedo que os vestígios materiais foram considerados essenciais para o estudo da sociedade industrial como fonte essencial para o estudo da história da indústria, da tecnologia e dos movimentos sociais. Por esta razão se procurou preservar os vestígios da sociedade industrial e dá-los a conhecer através de diversas formas de valorização, nomeadamente através da sua musealização.

Uma parte dos museus dedicados ao Patrimônio Industrial de Portugal nasceu no seio das políticas de preservação deste tipo de patrimônio e de divulgação das grandes empresas, muitas delas com participação do Estado, enquanto outros se devem a iniciativas das Câmaras Municipais. Há ainda os museus criados por iniciativa de empresas, associações ou autárquicas a partir da década de 1990.

Entre os museus de empresa há o Museu da Água da EPAL – Empresa Pública de Águas Livres e o Museu da Electricidade (Central Tejo) da empresa EDP (energia de Portugal). O Museu da Água da EPAL tem a sua história ancorada na aprovação, em 1919, pela Assembleia Geral da Companhia das Águas de Lisboa.

No Brasil atual a reflexão do Patrimônio Industrial vem se desenvolvendo em diversas Instituições de Ensino Superior (IES). Porém nem sempre foi assim. Vários estudiosos brasileiros vêm acentuando a necessidade de se aprofundar esta discussão considerando as demandas e ações institucionais no aspecto da preservação patrimonial. Vejamos um pouco desta história:

Em 1937 foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e, em 1938 houve um primeiro registro no livro histórico de remanescentes de uma fábrica em Ouro Preto (MG) – Fábrica de Ferro Patriótica - que deve ser interpretado a partir dos critérios e valores característicos dessa fase. Isto é, as iniciativas de proteção de monumentos são relacionadas a feitos históricos referentes ao processo de colonização.

Em São Paulo, no ano de 1964, houve a primeira iniciativa nacional de efetiva

preservação de um conjunto industrial: a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema (Iperó), implantada a partir de 1810. Conforme destaca Cunha, a inscrição somente se deu no Livro Histórico, acompanhando a “amargurada recomendação de Mário de Andrade” por tratar-se de: “Remanescentes de arqueologia industrial do primeiro complexo funcionante para a exploração e fabricação de ferro no Brasil” [...] (CUNHA, 2005, p. 114).

Verificamos assim que as iniciativas de tombamento das ruínas da Fábrica de Ferro Patriótica em Ouro Preto (Minas Gerais; tombadas em 1938) e Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó (São Paulo, tombada em 1964), foram realizadas mesmo antes do nascimento do debate sobre Patrimônio Industrial no Brasil. (MOREIRA: 2007, 276).

O primeiro artigo acadêmico sobre o assunto publicado no Brasil – “Fábrica São Luiz de Itu: Um Estudo de Arqueologia industrial” – foi escrito pelo historiador americano Warren Dean em 1976. De lá para cá muitas mudanças e realizações de debates vêm acontecendo, envolvendo diversos setores em níveis municipais, estaduais e nacional.

Podemos constatar um pequeno número de espaços fabris e monumentos industriais reutilizados ou preservados. Eis alguns exemplos conhecidos: a antiga estação de trem da Luz (1867), que agora abriga o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo; a fábrica de vinho de caju "Tito Silva e Cia" construída em 1892 em João Pessoa (Paraíba) atualmente usada como uma escola Municipal de formação para os jovens e adultos; a “Estação das Docas”, um espaço de cultura, comércio e lazer na cidade de Belém no estado do Pará, que consistiu na adaptação de quatro armazéns obsoletos do antigo porto do século XIX. Na mesma linha de aproveitamento de galpões e armazéns do século XIX há em Fortaleza o Centro Cultural Dragão do Mar. Ao lado destas iniciativas, vários espaços fabris antigos, hoje são campus de universidades em diversas localidades do país.

Em seu artigo “Patrimônio Industrial como tema de pesquisa”, Meneguello (2011) assume o conceito de Patrimônio Industrial, pois além de ser mais utilizado no Brasil, entende que a expressão “arqueologia industrial”, tem a ver mais diretamente com a realidade europeia de meados do século XX, que inaugurou o campo do Patrimônio Industrial com estudos, levantamentos, inventários, realizados por arqueólogos industriais ou historiadores “amadores”. Eis sua análise expressa nos anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente, em Florianópolis, Brasil:

Opto nesse texto pela utilização da expressão patrimônio industrial, mais corrente no Brasil, em detrimento de arqueologia

industrial. A segunda expressão prossegue tendo extrema aceitação no exterior, onde os inventários dos “arqueólogos industriais” culminam nos estabelecimentos de rotas de Patrimônio Industrial de museus de técnica e tecnologia, como acontece por exemplo na Cataluña (Espanha), Reino Unido, Países Baixos e Itália. (MENEGUELLO, 2011, p. 1821).

Ainda sobre esta reflexão conceitual, e a historicidade dos próprios conceitos, vale destacar que a produção do conhecimento histórico é seletivo-provisório e em permanente construção com novos documentos, novos olhares se constituindo. Os conceitos devem estar abertos ao diálogo com as determinações objetivas concretas das evidências. Importante lembrar aqui as recomendações de Willians ao discorrer sobre a cultura, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos”. (WILLIANS, 1979, p. 17).

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPAGNOL, G. Industrial Archaeology and Brazilian Industrial Heritage. *Preservation Education & Research Journal*, Texas, v.4, 2011.
- CHAUMIER, Serge. *Des musées en quête d'identité: écomusée versus tecnomusée*. Paris: Le Harmattan, 2003.
- CORDEIRO, José M. L. A propósito de coleções industriais. *Boletim RPM – Rede Portuguesa de Museus*, n. 3.
- CUNHA, Claudia dos Reis e. O patrimônio cultural da cidade de Sorocaba: análise de uma trajetória. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DEAN, Warren. A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial. *Anais de História, Assis*, v. 8, 1976, Assis, SP: Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis
- CUSTÓDIO, Jorge. Do museu e da museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 2006.
- CUSTÓDIO, Jorge. *Renascença artística e práticas de conservação e restauro arquitectónico em Portugal, durante a I República*, 1ª edição, Lisboa: Caleidoscópio, 2011.
- FARIA, Fernando; CRUZ, Luís; BARBOSA, Pires. *A central Tejo: fabrica que electrificou Lisboa*. Lisboa: Ed. FEDP/Bizâncio, 2007.
- FAUSTO, Boris. *Revista estudos Históricas* n. 01, Rio de Janeiro, 1988
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio Industrial: lugares de trabalho, lugares de

memória. In: *Museologia E Patrimônio* - vol.II no 1 - jan/jun de 2009
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.22.br/index.php/ppgpmus>

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. *Os três apitos: memória coletiva e memória pública, fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950 – 1970*. 2002. Tese (Doutorado)

FONTES, Paulo. “Mapeando o patrimônio industrial em São Paulo,” *Patrimônio Revista Eletrônica do IPHAN* 4 (March-April 2006). <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=166>

JUCÁ, Jisafran Nazareno Mota. *Memórias Entrecruzadas: Experiências de Pesquisa*. Fortaleza, Ed UECE, 2009. P.215.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MANCUSO, F. Progetto e ‘buono pratiche’, In: RONCHETTA, C; TRISCIUGLIO, M. *Progettare per il patrimonio industriale*. Torino: Celid, 2008.

MATOS, Ana Cardoso de; GOUZEVITCH, Irina; LOURENÇO, Marta C. (Ed.). *Expositions universelles, musées techniques et société industrielle*. Lisboa: Ed. Colibri, 2010.

MATOS, Ana Cardoso de; RIBEIRO, Isabel Maria; SANTOS, Maria Luísa. Intervir no patrimônio industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas. In: SAMPAIO, Maria da Luz (Ed.). *Reconversão e musealização de espaços industriais: actas do colóquio de museologia industrial*. Porto: Museu da Indústria, 2003.

MENDES, José Amado. O patrimônio industrial na museologia contemporânea: o caso Português. *Ubimuseum – Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, n.1 2012.

MENEGUELLO, Cristina. “Patrimônio Industrial como tema de pesquisa” In: *anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente*, em Florianópolis, Brasil, 2011

MENEGUELLO, Cristina. “Industrial Heritage in Brazil and prospects for the Brazilian Committee for the Conservation of Industrial Heritage”, *Congresso TICCIH, Roma, Itália*, Setembro 2006.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio industrial e política cultural. In: *Seminário Nacional De História E Energia*, 1., 1986, São Paulo. *Anais...*São Paulo: Eletropaulo, 1986.

MOREIRA, Danielle Couto. “Arquitetura ferroviária e industrial : o caso das cidades de São João Del-Rei e Juíz de Fora (1875-1930).” M.A. diss., Universidade de São Paulo, 2007

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10. 1993

OLIVEIRA, Luisa Tiago. *Estudantes e povo na Revolução (1974-1977)*, Lisboa, Editora Celta

PALMER, Marilyn e NEAVERSON, Peter. *Industrial Archeology: Principles And Practices*. Londres: Routledge, 1998.

PARIS. Ministère de la Culture et de la Communication. *Muséologie et ethnologie*. Paris: *Editions de la Réunion des Musées Nationaux*, 1987.

PEDREIRA, Jorge. *A estrutura industrial e mercado colonial: Portugal e o Brasil (1780-1830)*. Lisboa: Difel, 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10 1992

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989

POULET, Dominique. *Une histoire des musées en France XVIIIe-XXe siècle*. Paris: La Découverte/Poche, 2008.

POZZER, Guilherme Pinheiro. *A antiga estação da Companhia Paulista em Campinas: estrutura simbólica transformadora da cidade*. Dissertação (Mestrado). Campinas (SP): IFICH-Unicamp, 2007.

RUFINONI, Manoela Rossinete. *A preservação da arquitetura industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca, São Paulo*. FAUUSP, dissertação de mestrado, 2004.

RODRIGUES da SILVA, R. A. Paisagem Cultural Industrial: memórias de um patrimônio da contemporaneidade. *Labor & Engenho*, Campinas [Brasil], v.5, n.1, 2011. Disponível em: <www.conpadre.org> e <www.labore.fec.unicamp.br>.

RODRIGUES, Marly. “ Patrimônio industrial, entre o fetiche e a memória “. São Paulo, *Revista arq.urb*, Universidade São Judas Tadeu, número 3/ primeiro semestre de 2010.

SALES, T. B. Canudenses na cidade de São Paulo: trajetórias. In: Gisafran Nazareno Mota Jucá. (Org.). *Memórias entrecruzadas: experiências de pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2009, v. 1

SALES, Bessa Telma. MELLO William J. *Trabalho e Trabalhadores na Perspectiva Histórica*. In: MELLO, J. William; LIMA, Z. M.M; Muniz. A.C. (orgs) *História, memória, oralidade e culturas*. Fortaleza: edUECE, 2014.

VARINE-BOHAN, Hugues. Un musée éclaté: le Musée de l’Homme et de l’Industrie: le Creusot-Montceau-les-Mines. *Museum International* (Edition Francaise), Unesco, v. XXV, n. 4, p. 242- 249, 1973.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Revista Eletrônica do IPHAN dedicou seu número 4 ao tema do patrimônio industrial (Disponível em <http://www.iphan.gov.br>).

HISTÓRIA ORAL:

ALBERTI, Verena. *Ouvir e contar*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História nº 14* – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995

FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*, revista *projeto História*, n. 10, EDUC, 1994.

- FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA Marieta de Moraes, FERNANDES, Tânia & ALBERTI, Verena (orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Fiocruz/COC -CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2000.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: humanistas, FFLCH, USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- JOUTARD, P. "História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos", in: FERREIRA, M. & AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- KHOURY, Yara. Entre o individual e o coletivo: narrativas orais na investigação histórica. In: *Revista Projeto história, História e Oralidade*, n. 22, 2000.
- KHOURY, Yara. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Déa Felon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo, Olho D'água, 2004.
- MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. In: *Projeto História 22 (História e Oralidade)*. São Paulo: PUC-Educ, 2001
- MONTENEGRO, A. T. (Org.); FERNANDES, T. (Org.) . *História Oral: Um Espaço Plural*. 1. ed. Recife: Universitária - Universidade Federal de Pernambuco, 2001. v. 1.
- NEVES, F. C. As mil voltas de Seu Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar. *Trajeto*, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2002.
- NEVES, F. C. Imagens do Nordeste. *A construção da memória regional*. Fortaleza: SECULT-CE, 1994. 127 p.
- PORTELLI, Alessandro. Ensaio de História oral. /[seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. – São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". *Projeto-História*. São Paulo: Educ, n. 14, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. "Formas e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade". *Projeto História* nº 14. São Paulo, PUC, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*. São Paulo: PUC-Educ, n. 22, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. "Un lavoro di relazione: Osservazioni sulla storia orale. Roma, 2000.
- PORTELLI, Alessandro. Una Vita Non Appartiene a Nessuna Disciplina. La diversità della storia orale tra narrazione dialogica, lavoro della memoria e lavoro del linguaggio. In: CAPECCHI Mauro e MARTONE Remo (org.) *Memorie "di classe" lavorare a scuola con le fonti orali*, Massarie Editora, Itália, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. Historia Oral e Poder. *Mnemosine*, vol.6, nº2, pp. 2-13, 2010.
- RAMOS, Régis L. A Cruz do Caldeirão: história do objeto e memória da voz. *Propostas Alternativas*, v. 14, 2006.
- RAMOS, Régis L. Com quantos esquecimentos se faz uma memória? Anotações sobre a invenção da lembrança em praça pública. In: Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará. (Org.). *Revista Aspectos*. 01 ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, v. 25
- Revista Projeto - História. *Ética e História Oral*. São Paulo, n. 15, 1997.
- Revista Projeto - História. *História e Oralidade*. São Paulo, n. 22, 2001
- Revista Trajetos – UFC n. 04 e n. 06.
- RIBEIRO, F. M. Catálogo de Depoimentos- *Série Idéias – 1987 (NUDOC/UFC)*
- RIBEIRO, F. M. O Nordeste nos debates da Constituinte – *NUDOC/BNB – 1995*.
- RIBEIRO, F. M. *Cenário de uma política contemporânea*. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- RIOS, K. S. A seca nos atalhos da memória oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, 2001.

- RIOS, K. S. História oral: que história é essa? *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, v. 1, 2000.
- SALES, T. B. Trabalho e reestruturação produtiva: o caso da *Volksmagen em São Bernardo do Campo/SP*. 01. ed. São Paulo: Annablume, 2002. v. 1000. 147
- SAMUEL, Rafael. "História Local, História Oral", In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo:ANPUH/Marco Zero, v. 9 n. 19 set/1989
- SANTANA, Charles D Almeida. *Fatura e Ventura Camponesas: Trabalho, Cotidiano e Migrações: Bahia, 1950-1980*. São Paulo: Annablume,1998
- SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de valores*. São Paulo: Educ, 1995.
- SOUZA, Simone de. PONTE, Sebastião R. Roteiro sentimental de Fortaleza – *Depoimentos de história oral*. Fortaleza, NUDOC/Secult, 1996.
- SOUZA, Simone de. PONTE, Sebastião R. História e Memória do Jornalismo Cearense, Fortaleza, Sindicato dos Jornalistas/NUDOC, 2004
- THOMPSON, Alistar. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias”. In: *Projeto História nº 15*. São Paulo, PUC, 1997.
- VIEIRA, Maria do Pilar A., PEIXOTO, Maria do Rosário C. Khoury, Yara M. Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989